

CIÊNCIAS DA SAÚDE



**Nayara Araújo Cardoso
Renan Rhonalty Rocha
(Organizadores)**

Atena
Editora

Ano 2019

Nayara Araújo Cardoso
Renan Rhonalty Rocha
(Organizadores)

Ciências da Saúde

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências da saúde [recurso eletrônico] / Organizadores Nayara Araújo Cardoso, Renan Rhonalty Rocha. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Ciências da Saúde; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-126-8

DOI 10.22533/at.ed.268191802

1. Automedicação. 2. Saúde – Ciência. I. Cardoso, Nayara Araújo. II. Rocha, Renan Rhonalty. III. Série.

CDD 614.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*As Ciências da Saúde*” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seus 15 capítulos do volume I, apresenta a importância da farmacovigilância com o desenvolvimento de estudos relacionados com biomoléculas ativas na melhoria da qualidade de vida de pacientes, numa perspectiva farmacológica por meio do desenvolvimento e utilização de novas terapias farmacêuticas.

A farmacovigilância se relaciona em todos os aspectos com a utilização de medicamentos, desde seu desenvolvimento com estudos preliminares e laboratoriais a sua utilização empírica ou científica, sendo assim, trata-se da ciência que desempenha atividades relativas à identificação, avaliação, compreensão e prevenção de efeitos adversos ou quaisquer problemas relacionados ao uso de medicamentos. Desta forma, cabe a ela identificar, avaliar e monitorar a ocorrência dos eventos adversos relacionados ao uso dos medicamentos comercializados no mercado brasileiro, com o objetivo de garantir que os benefícios relacionados ao uso desses produtos sejam maiores que os riscos por eles causados.

Atualmente, o desenvolvimento de medicamentos no Brasil se baseia majoritariamente na utilização de produtos naturais. As plantas fornecem uma gama de compostos bioativos que podem ser utilizados das mais diversas formas em medicamentos, possuindo, assim, ações antifúngicas, antibacterianas, antioxidantes, antidiabéticas, entre outros.

A união entre o desenvolvimento e a utilização de medicamentos compõe um viés gigante para o cuidado com o paciente, uma vez que medicamentos, se utilizados de forma incorreta, tem elevado potencial de causar mal.

Colaborando com tais descobertas este volume I é dedicado aos pesquisadores na área da saúde que buscam um melhor entendimento sobre o desenvolvimento e uso de moléculas bioativas. Trazendo artigos que abordam a avaliação da atividade de diversos compostos biologicamente ativos de plantas; do ácido gálico sobre a formação de biofilme por *Candida albicans*; da radiopacidade de cimentos de ionômero de vidro indicados para tratamento restaurador atraumático; da eficiência da síntese de nanopartículas de prata em extrato de *Beta vulgaris* para aplicação em têxteis com atividade antimicrobiana; e a análise do uso de medicamentos já produzidos e os danos causados por eles, bem como a automedicação.

Ademais, esperamos que este livro possa mudar a perspectiva do leitor sobre o uso inadequado de medicamentos, colaborando e instigando pesquisadores a conhecer o desenvolvimento de novas drogas e impacto social e econômico do seu uso pela sociedade.

Nayara Araújo Cardoso
Renan Rhonalty Rocha

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AVALIAÇÃO DA AUTOMEDICAÇÃO REALIZADA POR ALUNOS E FUNCIONÁRIOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, UNIDADE DE ITUMBIARA	
Stéphanie Naoum Flávia Borges Carapina Santos Bruna Oliveira da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.2681918021	
CAPÍTULO 2	18
AS CONTRIBUIÇÕES DA PAPAÍNA COMO MÉTODO TERAPÊUTICO: UM ESTUDO DESCRITIVO DOCUMENTAL	
Isabelle Cristine Figueiredo Matozo Elizabeth Amâncio de Souza da Silva Valsecchi Eduardo Felipe Duarte Nunes Jorseli Angela Henriques Coimbra Maria Emília Grassi Busto Miguel Regina Lucia Dalla Torre Silva Cely Cristina Martins Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.2681918022	
CAPÍTULO 3	24
ANÁLISE RETROSPECTIVA DO USO DE ANTIRRETROVIRAIS PARA HIV EM PACIENTES DE UMA UNIDADE DE SAÚDE EM ANÁPOLIS-GO	
Iris Iasmine de Rezende Araújo Chálita Patrícia de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2681918023	
CAPÍTULO 4	38
AVALIAÇÃO <i>IN VITRO</i> DA RADIOPACIDADE DE CIMENTOS DE IONÔMERO DE VIDRO INDICADOS PARA TRATAMENTO RESTAURADOR ATRAUMÁTICO	
Karlla Almeida Vieira Pedro Affonso Ferreira De Menezes Yann Victor Paiva Bastos Saskia de Souza Pordeus Clarissa Moraes Bastos Clóvis Stephano Pereira Bueno	
DOI 10.22533/at.ed.2681918024	
CAPÍTULO 5	51
ATIVIDADE ANTIPROLIFERATIVA DO COMPLEXO ÁCIDO 3,4-CINÂMICO/RUTÊNIO (II) [RU(3,4CIN)(DPPB)(BIPY)]PF6] SOBRE CÉLULAS DERIVADAS DE CARCINOMA DE PULMÃO	
Gabriel Soares Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.2681918025	

CAPÍTULO 6 64

ATIVIDADE CITOTÓXICA E ANTITUMORAL DO COMPLEXO METÁLICO DE COBRE (II) [Cu(Phen)₂]
(ClO₄)₂

Fernanda Cardoso da Silva
Françoise Vasconcelos Botelho
Suelen Fernandes Silva
Pedro Henrique Alves Machado
Lorena Polloni
Elene Cristina Pereira Maia
Priscila Pereira Silva Caldeira
Robson José de Oliveira Júnior

DOI 10.22533/at.ed.2681918026

CAPÍTULO 7 78

AValiação DA ATIVIDADE DO ÁCIDO GÁLICO SOBRE A FORMAÇÃO DE BIOFILME POR *Candida albicans*

Chálita Patrícia de Lima
Iris Iasmine de Rezende Araújo

DOI 10.22533/at.ed.2681918027

CAPÍTULO 8 89

COMPOSTOS BIOATIVOS DE PLANTAS: UM POTENCIAL PARA ANTIMICROBIANOS E ANTIOXIDANTES

Deyzi Caroline da Silva Barbosa
Paloma Maria da Silva
Bruno Oliveira de Veras
Fernanda Granja da Silva Oliveira
Alexandre Gomes da Silva
Márcia Vanusa da Silva
Maria Tereza dos Santos Correia

DOI 10.22533/at.ed.2681918028

CAPÍTULO 9 98

TREINAMENTO RESISTIDO NA SÍNDROME SAPHO ASSOCIADA AO USO DA ISOTRETINOINA: UM ESTUDO DE CASO

Hellen Christina de Belmont Sabino Medeiros
Rodrigo Ramalho Aniceto
Vinicius de Gusmão Rocha
Antônio Meira Neto
Cybelle de Arruda Navarro Silva

DOI 10.22533/at.ed.2681918029

CAPÍTULO 10 107

TRATAMENTO HOMEOPÁTICO DA DENGUE

Hezraitá Vieira Cruz dos Santos
Murilo Ferreira de Carvalho
Sandra Ribeiro de Moraes

DOI 10.22533/at.ed.26819180210

CAPÍTULO 11	121
USE OF PATCH TEST TO DETERMINE THE PREVALENCE OF NICKEL ALLERGY IN CHILDREN AGED 5–12 YEARS	
Paula Guerino Bruna Torrel Leandro Berni Osório Kivia Linhares Ferrazzo Renésio Armindo Grehs Vilmar Antônio Ferrazzo	
DOI 10.22533/at.ed.26819180211	
CAPÍTULO 12	129
USO DE FÁRMACOS PROMOVE AUMENTO NA CESSAÇÃO DO TABAGISMO	
Miyoko Massago Maria Lúcia Dantas Idalina Diair Regla Carolino Celso Ivam Conegero	
DOI 10.22533/at.ed.26819180212	
CAPÍTULO 13	136
USO DO FITOTERÁPICO <i>Phyllanthus niruri</i> L. (QUEBRA-PEDRA) COMO ALTERNATIVA TERAPÉUTICA DA LITÍASE RENAL	
Osmaysa Feitoza da Silva Diêla dos Santos Cunha Jose Augusto Nascimento da Silva Karoline da Silva Torres Liriane Andressa Alves da Silva Lucas Barbosa de Araujo Leal Maiana Marques Rocha Maria de Fatima Sousa Barros Vilarinho Tamires da Cunha Soares Ticianne da Cunha Soares	
DOI 10.22533/at.ed.26819180213	
CAPÍTULO 14	143
ESTUDO DA EFICIÊNCIA DA SÍNTESE DE NANOPARTÍCULAS DE PRATA EM EXTRATO DE BETA VULGARIS PARA APLICAÇÃO EM TÊXTEIS COM ATIVIDADE ANTIMICROBIANA	
Otávio Augusto Leitão dos Santos Bianca Pizzorno Backx	
DOI 10.22533/at.ed.26819180214	
CAPÍTULO 15	158
HEMO MATCH: UM APLICATIVO PARA LOCALIZAÇÃO DE FENÓTIPOS COMPATÍVEIS	
Ana Luiza Costa Bianca Costa de Lima Daniele Freires de Oliveira Verônica Magna de Lima Wesley Fernandes de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.26819180215	
SOBRE OS ORGANIZADORES	168

AVALIAÇÃO DA AUTOMEDICAÇÃO REALIZADA POR ALUNOS E FUNCIONÁRIOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, UNIDADE DE ITUMBIARA

Stéphanie Naoum

Co-orientadora da pesquisa, anteriormente vinculada à Universidade Estadual de Goiás, Campus Itumbiara

Flávia Borges Carapina Santos

Docente do curso de farmácia, Universidade Estadual de Goiás, Campus Itumbiara

Bruna Oliveira da Silva Carvalho

Discente do curso de farmácia, Universidade Estadual de Goiás, Campus Itumbiara

RESUMO: Este projeto de pesquisa possui como finalidade avaliar a prevalência da automedicação entre acadêmicos e funcionários da Universidade Estadual de Goiás, unidade de Itumbiara. Além de fazer um levantamento estatístico das classes de medicamentos que possui maior índice de utilização por automedicação por parte dos acadêmicos e funcionários da universidade, identificando os principais fatores que levam a população a se automedicar, revelar os problemas e consequências desta prática, e indicar providências a serem realizadas para que ocorra o seu decréscimo. A prática da automedicação coloca a saúde do indivíduo em perigo ao aumentar os riscos de possíveis doenças graves serem mascaradas, além de acarretar alergias e intoxicações que podem levar até ao óbito. Com isso, o papel do

farmacêutico é fundamental, pois o mesmo tem a função de cuidar da promoção, proteção e recuperação da saúde. Este profissional orienta a população quanto à forma correta de se utilizar o medicamento, é capacitado para informar ao paciente a respeito de reações adversas, posologia, interação medicamentosa, entre outros. Foram coletados dados referentes a 100 indivíduos, a classe de medicamentos que os acadêmicos e funcionários da UEG mais se automedicam são com antigripais 19% e com analgésicos/antitérmicos 18%. Os resultados obtidos revelam que 37% dos entrevistados buscam a orientação farmacêutica para comprar medicamentos. Para que todo medicamento exerça o efeito desejado é importante que seja utilizado de forma correta, respeitando a dose e horário prescrito pelo médico.

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação. Itumbiara. Medicamento. Farmacêutico.

ABSTRACT: This research project has the goal to evaluate the prevalence of self-medication among academics and employees of the State University of Goiás, Itumbiara unit. In addition to making a statistical survey of drug classes that has the highest utilization rate for self-medication by academics and university employees, identifying the main factors that lead the population to self-medicate, reveal the problems and consequences of this practice,

and indicate measures to be carried out in order for its decrease to occur. The practice of self-medication puts the health of the individual in danger by increasing the risks of possible serious diseases being masked, besides causing allergies and intoxications that can lead to death. With this, the role of the pharmacist is fundamental, since he has the function of taking care of the promotion, protection and recovery the health. This professional guides the population on the correct way to use the medication; he is able to inform the patient about adverse reactions, dosage, drug interaction, among others. Data was collected on 100 individuals, the class of drugs most academicians and UEG employees self-medicated with 19% flu and 18% analgesics / antipyretics. The results shows that 37% of the interviewees seek the pharmaceutical orientation to buy medicines. For every drug to have the desired effect it is important that it is used correctly, respecting the dose and time prescribed by the doctor.

KEYWORDS: Self-medication. Itumbiara. Medication. Pharmaceutical.

1 | INTRODUÇÃO

Segundo Kovacs e Brito (2006), a automedicação é definida como “o uso de medicamentos sem prescrição médica, onde o próprio paciente decide qual fármaco vai usar, podem ser utilizados remédios industrializados ou caseiros”.

A automedicação pode ser praticada de várias maneiras, como por exemplo, compartilhar remédios com membros da família e amigos, reutilizar antigas receitas e prolongando o tratamento indicado na receita (LOYOLA FILHO et al., 2001).

Muitos problemas podem ser gerados pela simples ingestão inconsequente de medicamentos. Os anti-inflamatórios, por exemplo, chegam a ocasionar problemas digestórios e renais. O uso abusivo de antibióticos pode aumentar a resistência das bactérias, fazendo com que ocorram mutações e dessa forma as bactérias se fortaleçam. Assim sendo, o medicamento não terá mais ocasionado o efeito desejado. Os corticóides que são utilizados por sua potente ação anti-inflamatória, em porções excessivas ou contínuas, podem causar catarata, insuficiência renal e diabetes (VICENTE, 2014).

Segundo Souto e colaboradores (2005), os medicamentos estão ocupando o primeiro lugar dentre todos os agentes tóxicos no Brasil desde 1994. A facilidade de acesso aos medicamentos é um dos fatores que leva a automedicação e intoxicação medicamentosa. Dessa forma a intoxicação medicamentosa e a automedicação estão totalmente ligadas. Uma estratégia importante seria a venda de medicamentos somente sob prescrição médica, com isso não haveria problemas com o uso irracional de medicamentos e principalmente casos de intoxicação.

Giácomo e seus colaboradores (2013) menciona que, no Brasil, onde o acesso à assistência médica pública é difícil e, onde se encontra uma grande parcela da sociedade na faixa da pobreza, que não tem condições financeiras para pagar um plano de saúde a prática da automedicação torna-se bastante comum. O baixo poder

aquisitivo da população e a precariedade dos serviços de saúde contrastam com a facilidade de se obter medicamentos, sem pagamento de consulta e sem receita médica em qualquer farmácia, onde, não raro, se encontra o estímulo do balconista interessado em ganhar uma comissão pela venda.

Com outras palavras, Mazutti e seus colaboradores (2013) reforçam essa argumentação ao dizer que devido à precariedade e demora nos serviços de saúde, sendo o acesso ao atendimento médico no Brasil de forma gratuita e igualitária insuficiente e não conseguir atender às necessidades da população de forma homogênea, as pessoas buscam alternativas para sanar seus problemas de saúde, obtendo informações e indicações de medicamentos de fontes não médicas.

Como a amostra tomada para o presente estudo reflete os diversos grupos sociais da cidade de Itumbiara, apesar de grande parte da amostra constituir-se por pessoas mais esclarecidas quanto aos riscos da automedicação, a qual compõe-se de estudantes do curso de farmácia, ainda a mesma enquadra-se nas mesmas condições propícias para automedicação citadas pelos autores acima mencionados.

Este trabalho tem como finalidade avaliar a prevalência da automedicação entre acadêmicos e funcionários da Universidade Estadual de Goiás, unidade de Itumbiara, assim como identificar as classes de medicamentos não prescritos mais utilizados. Além disso, relatar o que leva o indivíduo a automedicar-se, abordar sobre o perigo, os riscos da automedicação e quais as consequências desta prática.

Nesse contexto, vale ressaltar o papel do farmacêutico, sendo este o profissional da saúde que mantém o último contato com o paciente antes de qualquer tratamento medicamentoso. A sua orientação auxilia na administração correta do medicamento, pois qualquer medicamento, por mais inofensivo que seja, pode causar complicações ao paciente, quando utilizado de forma inadequada. O uso incorreto e/ou abusivo do fármaco pode acarretar sérios danos à saúde humana; como, intoxicações, interações medicamentosas, alergias, efeitos adversos, mascarar sintomas graves de alguma doença, podendo até agravar o quadro clínico.

O sucesso do tratamento apenas pode ser obtido por meio do acompanhamento completo do paciente, ou seja, médico e farmacêutico trabalhando juntos. Ao passo que o médico avalia o paciente e prescreve o tratamento mais adequado, o farmacêutico zela pelo bom andamento do tratamento, informando ao paciente as formas corretas de administração dos medicamentos, prestando a atenção farmacêutica.

Nesse sentido, o presente trabalho possui a finalidade de analisar a prática da automedicação entre os acadêmicos do curso de farmácia, bem como os funcionários da UEG, unidade de Itumbiara- GO.

2 | METODOLOGIA

A técnica de coleta de dados escolhida neste estudo foi a aplicação de questionários, cuja população estudada é constituída por acadêmicos e funcionários

da Universidade Estadual de Goiás, unidade de Itumbiara-GO. O projeto foi submetido em 13/10/2016 e obteve-se a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), com número de CAAE 57486516.3.0000.5082 (Anexo 3). A coleta de dados só foi realizada após a submissão e aprovação pela Plataforma Brasil.

Para participar da pesquisa os indivíduos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, além de conter informações sobre a pesquisa neste termo o indivíduo concorda voluntariamente em participar do estudo. Foram aplicados 100 questionários no mês de novembro de 2016 e respondidos de modo individual e voluntário, sendo composto por 10 questões fechadas que visam verificar o comportamento de alunos e funcionários no que diz respeito a automedicação. Após a aplicação dos questionários, foram analisados os dados e os resultados obtidos dispostos em gráficos.

Foram realizadas pesquisas por meio de consulta eletrônica. O Google Acadêmico foi utilizado como fonte de busca e pesquisa dos artigos que abordem o tema automedicação e assuntos relacionados. A busca também ocorreu nos sites da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), no Scientific Electronic Library Online (SciELO), do Ministério da Saúde, do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), e casos publicados pela Rede Nacional de Centros de Informação e Assistência Toxicológica (RENACIAT).

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da aplicação dos 100 questionários para alunos e funcionários da UEG, campus Itumbiara, obteve-se a participação de 85 mulheres e 15 homens. Conforme dados da figura 1, verificamos a faixa etária dos 100 participantes da pesquisa.

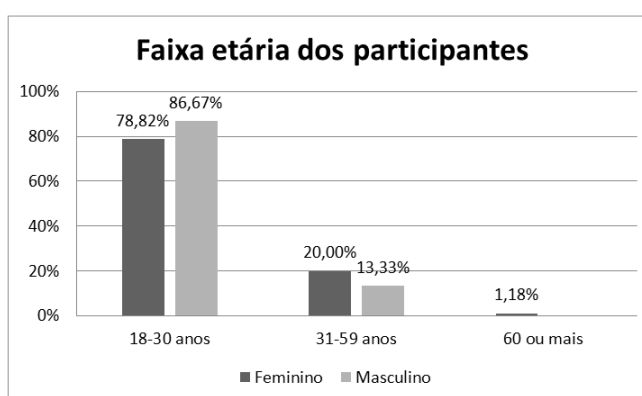


Figura 1. Faixa etária dos participantes da Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Itumbiara.

Houve maior participação das mulheres, com idade entre 18 e 30 anos. O resultado deve-se a maior participação do sexo feminino dentro da universidade, tanto dentre os acadêmicos quanto os funcionários.

Em sua pesquisa, Arrais e seus colaboradores (2016) constatam que a

automedicação é mais praticada pelas pessoas do sexo feminino. De acordo com os mesmos autores, justifica-se pelo fato de as mulheres sofrerem mais com dores de cabeça, dores musculares e condições dolorosas crônicas, como a enxaqueca, e utilizarem desde muito cedo analgésicos e relaxantes musculares para o alívio da dor durante a menstruação.

A questão seguinte do questionário buscou avaliar se os participantes já haviam comprado medicamentos sem receita médica. De acordo com a figura 2, 95,29% do sexo feminino responderam que sim, ou seja, já compraram medicamentos sem receita médica, e 4,71% responderam que não haviam comprado medicamentos sem receita médica. Já os homens, 86,67% respondeu que sim, e somente 13,33% respondeu que não haviam comprado medicamentos sem receita médica.

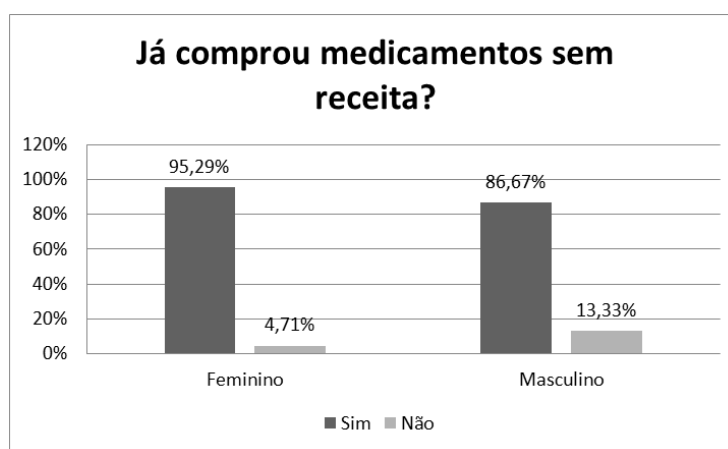


Figura 2. Compra de medicamentos sem receita médica.

O presente estudo demonstrou-se que a maioria das mulheres e dos homens já comprou medicamentos sem receita médica. Resultado semelhante foi encontrado por Silva e Rodrigues (2014) em sua pesquisa, no qual a maioria dos participantes afirmou que já comprou medicamentos sem receita médica, evidenciando uma alta prevalência nessa prática.

A figura 3 logo abaixo mostra que 84,71% do sexo feminino já procuraram orientações do farmacêutico na hora de comprar medicamentos, e 15,29% respondeu que não procuram a ajuda deste profissional no momento da aquisição do medicamento. Em relação aos homens, 80% responderam que sim, e 20% responderam que não procuraram orientações do farmacêutico para comprar medicamentos.

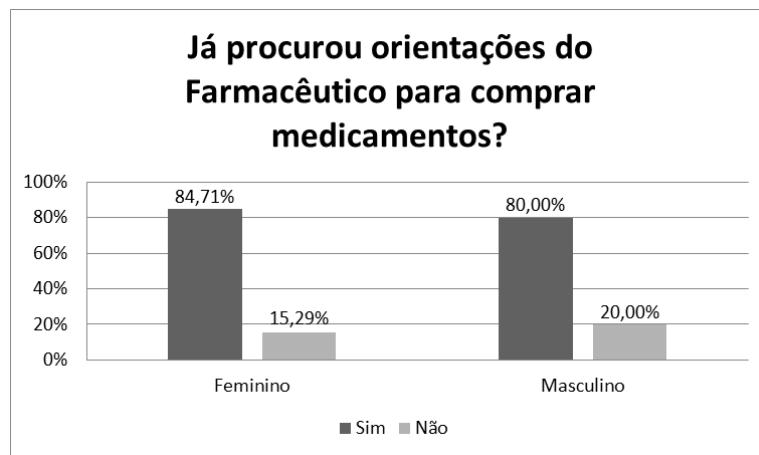


Figura 3. Procurou orientações do Farmacêutico para comprar medicamentos.

Receber orientações do farmacêutico no momento da aquisição do medicamento é fundamental, pois somente este profissional pode auxiliar na escolha do medicamento adequado, bem como informar sobre as condições de utilização e alertar o consumidor sobre os riscos da automedicação (Da Silva, 2014).

Com outras palavras, Sousa e Neto (2008), reforça essa argumentação ao dizer que o fármaco pode ter um efeito benéfico para certas pessoas em determinadas circunstâncias, e para outras ter efeito maléfico nas mesmas condições. Sendo assim, é necessária a participação do farmacêutico no sentido de conscientizar a população sobre os riscos da automedicação.

A figura 4 revela que 90,59% das mulheres respondeu que sim, já receberam conselhos de amigos ou parentes para a compra de medicamentos e 9,41% respondeu que não receberam nenhum conselho. Já os homens responderam que sim, tiveram orientações de terceiros para a compra de medicamentos.

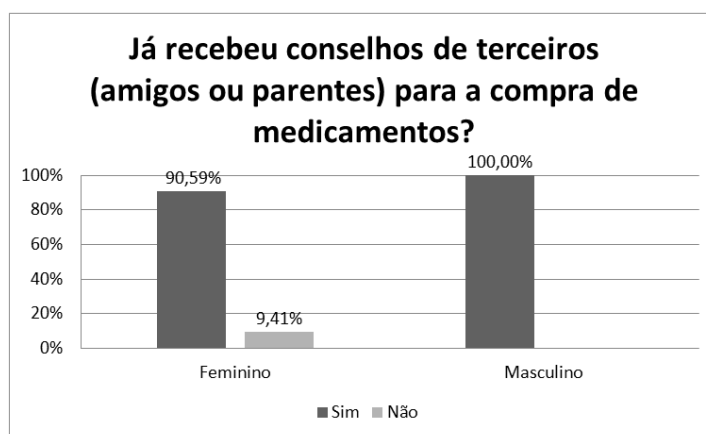


Figura 4. Recebeu conselhos de terceiros (amigos ou parentes) para a compra de medicamentos.

A cada dia cresce o número de pessoas que procuram a cura para seus sintomas em medicamentos indicados por familiares, amigos ou até mesmo por profissionais não comprometidos com a saúde da população (SOUSA; SILVA; NETO, 2008). De acordo com a seguinte pesquisa, os resultados mostram que a maioria dos participantes

já receberam conselhos de terceiros para a compra de medicamentos. Resultado semelhante encontrado no estudo realizado por Giácomo e seus colaboradores (2013), mostrou-se prevalente a recomendação de terceiros, que na maioria das vezes são leigos.

A figura 5 mostra como resultado que 61% (52 mulheres e 9 homens) já utilizou receituários antigos para a compra de medicamentos e 39% (33 mulheres e 6 homens) respondeu que não utilizaram receituários antigos.



Figura 5. Baseou-se em receitas antigas.

Em pesquisa realizada por Silva e Rodrigues (2014), 53,1% dos participantes acadêmicos dos cursos de enfermagem, farmácia, medicina e odontologia, afirmaram que já se basearam em receitas médicas antigas para tratar sintomas e doenças.

Os fatores que poderiam justificar os participantes recorrerem a receitas antigas seria a dificuldade em atendimento, comodismo, doenças recorrentes, ou seja, o quadro ser semelhante ao quadro anterior de quando foi prescrito tais medicamentos, sendo assim o indivíduo recorre a receitas antigas.

Conforme pesquisa realizada por Azevedo e colaboradores (2014), 54% de todos os pacientes entrevistados afirmou terem se baseado em suas receitas antigas, justificando o uso desses medicamentos, sem receita, por um conhecimento que se adquiriu por ter usado em outra oportunidade.

Branco e seus colaboradores (2014) afirmam que, a população evita ir aos hospitais a menos que estejam doentes ou quando sofre algum tipo de acidente, isso pode ser por conta da superlotação dos hospitais, a demora no atendimento e o fácil acesso a medicamentos ou até mesmo pelo comodismo.

A figura 6 mostra como resultado que a maioria das mulheres 74,12% respondeu que o fator que as levou a se automedicar, inicialmente, foi a falta de tempo para ir a uma consulta médica. E 25,88% responderam que a falta atendimento médico às levou a se automedicarem. Em relação aos homens, 86,67% respondeu que foi por falta de tempo para ir a uma consulta médica, e 13,33% respondeu que é por falta de atendimento médico.

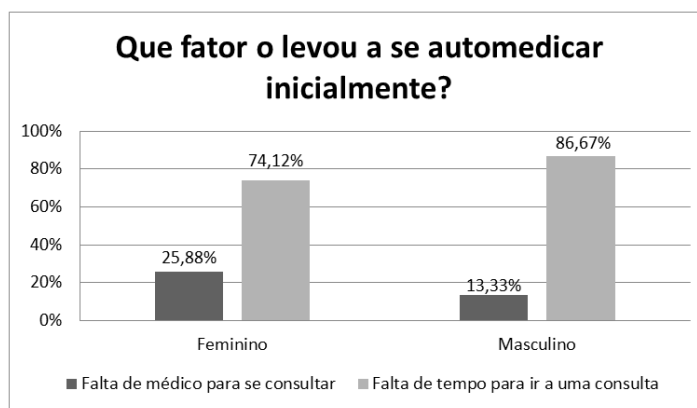


Figura 6. Fator que o levou a se automedicar inicialmente.

Atualmente, com a correria do dia a dia as pessoas não priorizam o cuidado com a saúde, devido à facilidade no acesso ao medicamento, pela presença de muitas farmácias com atendimento até 24 horas, principalmente nos grandes centros urbanos.

De acordo com os últimos casos publicados pela FIOCRUZ, foi constatado que no ano de 2013, na zona rural 1.747 pessoas tiveram intoxicação por medicamentos e na zona urbana, 9.964 também apresentaram intoxicação medicamentosa. O que explica esse alto número na zona urbana seria pelo fácil acesso ao medicamento, que ocorre devido à grande quantidade de farmácias disponíveis. Já na zona rural, pela precariedade, falta de locomoção e pela distância as cidades, justifica-se o menor valor obtido pela pesquisa.

Damasceno e colaboradores (2007) relata que, o crescente consumo de medicamentos está também relacionado a dificuldades em se conseguir uma consulta médica e pelo custo da mesma. Nessa mesma linha de pensamento, o estudo de Silva e colaboradores (2013) dizem que a dificuldade de acesso aos serviços públicos de saúde e conseqüente insatisfação dos usuários em relação ao mesmo é apontada como justificativa principal para automedicação.

Um dos fatores que se torna relevante para a automedicação seria o fator financeiro, devido à inacessibilidade e ineficiência dos setores públicos e privados para a população com baixo poder aquisitivo. Na concepção de Bezerra (2006), as pessoas não conseguem marcar consultas na rede pública e a rede privada cobra valores exorbitantes para uma simples consulta. Assim, o balcão da farmácia acaba virando consultório médico.

Entretanto, Nascimento e colaboradores (2005) afirmam que o fator financeiro não basta para explicar a prática da automedicação, fatores como escolaridade, classe social, acesso às informações a respeito dos medicamentos e, principalmente, o fator cultural também entram nesse contexto. Contudo, são os fatores contribuintes para automedicação, dentre eles socioeconômicos, culturais e a morosidade do Sistema Único de Saúde, conforme transparecido na pesquisa.

Na figura 7 nota-se que 82,35% do sexo feminino responderam que o medicamento comprado não necessitava de retenção de prescrição, e somente 17,65%

responderam que sim, necessitava da retenção de prescrição. No caso dos homens 60% responderam que sim precisava da retenção de prescrição e 40% responderam que não.

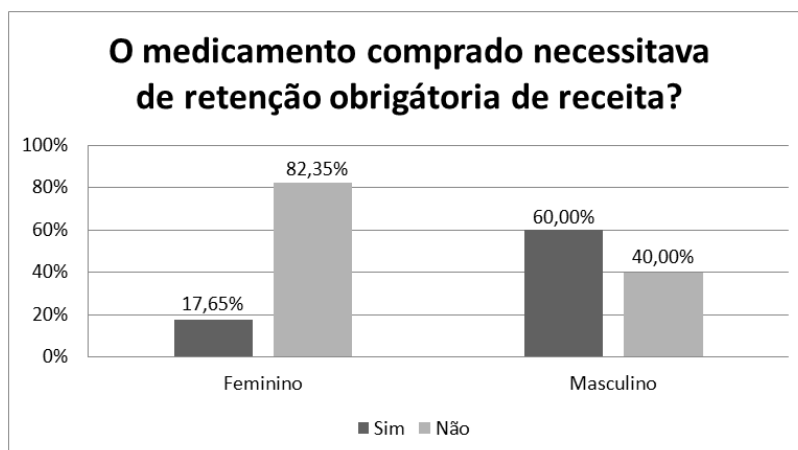


Figura 7. Medicamento comprado necessitava de retenção de receita.

Os medicamentos que necessitam de retenção da receita são os antibióticos e os medicamentos sujeitos a controle especial; ou seja, na sua maioria seus princípios ativos conduzem a dependência e causam efeitos graves, quando utilizados de forma abusiva, podendo ocasionar até morte.

Os medicamentos psicotrópicos são aqueles que agem seletivamente no Sistema Nervoso, são divididos em classes, tais como: os ansiolíticos e sedativos, antipsicóticos, antidepressivos, entre outros. Grassi e Castro (2015) mencionam em seu estudo que por se tratar de medicamentos psicoativos, a dispensação sempre deve ser feita pelo profissional farmacêutico e deve ser acompanhada de uma atenção farmacêutica, prevenindo possíveis efeitos adversos, interações medicamentosas e uso errôneo do medicamento que pode causar prejuízo ao tratamento do paciente.

Diante do exposto, ao se automedicar com antibióticos, pode-se causar resistência do organismo a substâncias que tratam infecções. Menezes e seus colaboradores (2004) afirmam em seu estudo que, a população precisa saber que o uso indevido de antimicrobianos e o tratamento incompleto poderão ocasionar problemas mais sérios, tendo, muitas vezes, que utilizar outros antimicrobianos, mais potentes e bem mais caros.

A figura 8 apresenta os medicamentos mais utilizados pelos alunos e funcionários da UEG de Itumbiara. Com 19% os antigripais é a classe de medicamentos mais utilizados pelos participantes. Em seguida com 18% os analgésicos\antitérmicos, 16% anti-inflamatórios, 13% antialérgicos, 12% descongestionantes nasais e outros medicamentos, 9% antibióticos e por último antiasmático 1%.

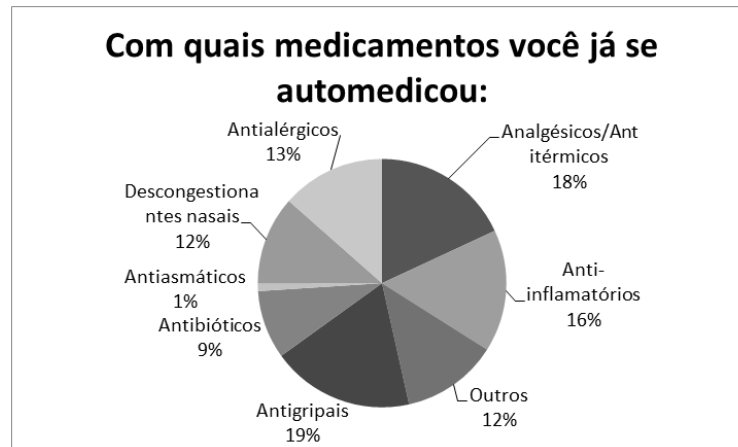


Figura 8. Medicamentos com os quais os participantes já se automedicaram.

No presente estudo, a classe de medicamentos mais utilizada pelos participantes foram os antigripais. Em contrapartida, no estudo de Servidoni e seus colaboradores (2006) os antigripais permaneceram em segundo lugar com 78%. De acordo com Dias et al (2013), a gripe e o resfriado são doenças comuns entre a população. Por esse motivo é comum ter a automedicação para o tratamento dos sintomas dessas doenças, sendo um problema, pois além de trazer riscos à saúde do paciente pode mascarar o diagnóstico de outras doenças.

De acordo com a pesquisa de Damasceno et al (2007), os medicamentos mais utilizados pelos participantes foram os analgésicos 206 (58,7%), seguidos dos antitérmicos 68 (19,3%). De forma semelhante apresentada por Branco e seus colaboradores (2014), em sua pesquisa 75,7% responderam que já se automedicaram com analgésicos e antitérmicos, sendo que o presente estudo apontou também maior prevalência de automedicação por analgésicos e antitérmicos (figura 8), os quais são medicamentos de venda livre.

Arrais e seus colaboradores (2016), afirma em sua pesquisa que o elevado uso de analgésicos na prática da automedicação reflete a alta prevalência de dor na população em geral, motivada por tensão, situação estressante ou demanda física, prejudicando a qualidade de vida das pessoas.

De acordo com Rosse e colaboradores (2011), a alta incidência na administração de medicamentos sem prescrição médica, pode ser justificada pela existência de medicamentos isentos de prescrição (MIP).

Os medicamentos de venda livre são aqueles que não precisam de prescrição médica na aquisição, não apresentam nenhuma tarja informando necessidade de prescrição médica, e são utilizados para aliviar sintomas leves. De acordo com a lista atualizada pela ANVISA (2016) as classes de medicamentos isentos de prescrição são: anti-inflamatórios, analgésicos, antitérmicos, descongestionantes nasais, relaxantes musculares, antiácidos, entre outros.

Em conexão com as considerações acima citadas, Arrais e seus colaboradores (2016), relatam que a maioria dos medicamentos consumidos é isento de prescrição,

mas não são isentos de risco, o que merece maior atenção por parte dos gestores e profissionais da saúde, pois as possíveis intoxicações e efeitos adversos podem aumentar os gastos com a saúde. Os mesmos autores afirmam que não se pode menosprezar as possíveis intoxicações e efeitos adversos que eles podem causar a seus usuários.

Na concepção de Giácomo e seus colaboradores (2013), o alto consumo de medicamentos isentos de prescrição entre a comunidade acadêmica, pode ser justificado pela intensa atividade diária dos mesmos, horas de estudos seguidas, provas, trabalhos acadêmicos, estágios, a confiança em seus próprios conhecimentos técnicos e a pressão e tensão do dia-a-dia, influenciam significativamente, para que essa prática seja incidente no ambiente universitário. O acadêmico alega não encontrar tempo para se consultar com um médico visto que a maioria dos cursos na área da saúde em grande parte é integrais, o que limita o traslado dos alunos durante o dia.

Na questão seguinte foi avaliado como o participante decide qual medicamento utilizar. Através da figura 9, podemos verificar que é pela orientação farmacêutica que a maioria dos participantes 37%, decide qual medicamento utilizar. Logo após com 26% pela indicação do médico, 25% pela sugestão de amigos e familiares, 8% decidem por meio da internet qual medicamento deve utilizar e 4% por propagandas.

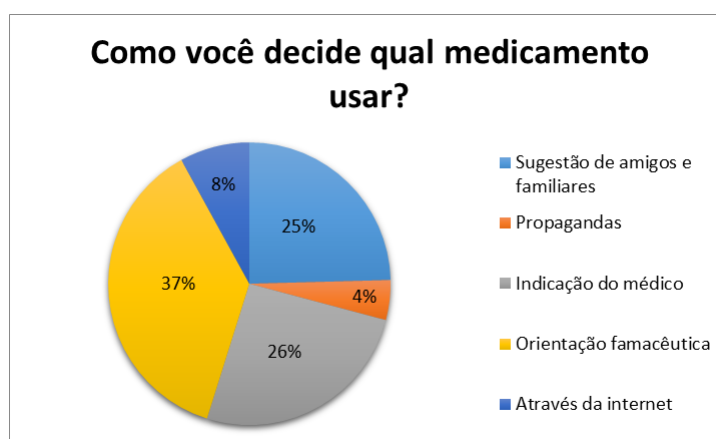


Figura 9. Decisão de qual medicamento usar.

Os resultados obtidos revelam que 37% buscam a orientação farmacêutica para comprar medicamentos. Compreende-se que o farmacêutico é o último profissional que mantém contato com o indivíduo antes de qualquer tratamento medicamentoso, sendo dele a responsabilidade de orientação, para que o tratamento do paciente aconteça da melhor maneira possível.

Santos (2009) afirma que, o Brasil, o país onde o acesso à saúde é difícil, não pode desperdiçar a oportunidade de se beneficiar dos serviços altamente qualificados dos farmacêuticos. Esses serviços são prestados sem burocracia, sem fila e sem agendamento.

Um fator que contribui para a automedicação é a prescrição médica. O médico apresenta o medicamento para o paciente, que até então era desconhecido, para

resolver o problema apresentado. A partir da orientação médica inicial, o paciente por conta própria utiliza o medicamento quando precisar. E conseqüentemente indica o medicamento para amigos e familiares (MATOS, 2005).

Em outras palavras Bortolon e colaboradores (2007) concordam com Matos (2005), a automedicação não se dá apenas com os medicamentos de venda livre, mas também com os de tarja vermelha e preta. Os medicamentos que são guardados em casa se tornam um arsenal terapêutico, sendo um grande fator de risco, favorecendo a automedicação. Devido ao uso indiscriminado de antibióticos, por exemplo, tem-se bactérias resistentes. Com isso, os antibióticos disponíveis vão se tornando ineficazes no tratamento de infecções.

Silva e colaboradores (2013) vem confirmar a ideia anterior, ao afirmar que o acúmulo de medicamentos nas residências pode gerar sobras, talvez por serem utilizados somente até o desaparecimento dos sinais e sintomas, não chegando a concluir o tratamento. Este hábito pode ser bastante prejudicial, especialmente nos tratamentos de doenças infecciosas com o uso de antibióticos, nos quais o tratamento incompleto pode gerar resistência de microrganismos ao fármaco.

Na penúltima questão foi perguntado aos participantes se em decorrência da automedicação houve alguma consequência aparente. A figura 10 demonstra os seguintes resultados: 91% dos participantes (76 mulheres e 15 homens) responderam que não houve consequências aparentes em decorrência da automedicação; e somente 9% (9 mulheres) responderam que sim, houve uma consequência aparente em decorrência da automedicação.

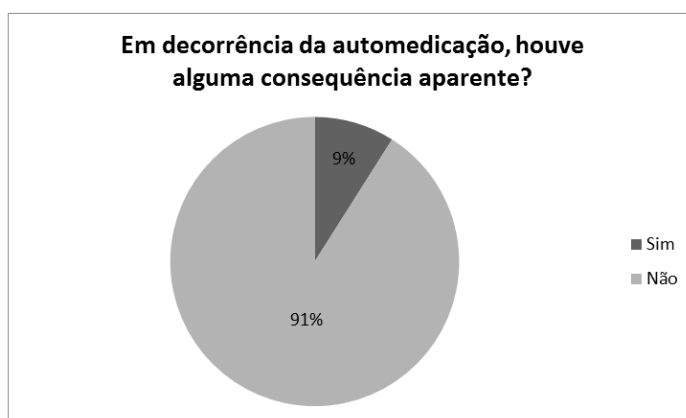


Figura 10. Consequência aparente da automedicação.

O resultado obtido pode ser justificado pelo fato da maioria (37%), buscar orientações farmacêuticas no momento da compra do medicamento (Figura 9). Sendo assim, o uso racional de medicamentos, com orientação farmacêutica, resulta em um tratamento seguro e eficaz.

De acordo com o Ministério de Saúde (2012), para o usuário, a escolha racional proporciona mais garantia de benefício terapêutico (eficácia e segurança) a menor custo, contribuindo para a integralidade do cuidado à saúde.

Por fim foi perguntado aos participantes se a automedicação poderia trazer danos a própria saúde. Obteve-se o seguinte resultado de acordo com a figura 11, 92% dos participantes (79 mulheres e 13 homens) respondeu que sim, a automedicação pode causar danos à saúde. E 8% (6 mulheres e 2 homens) respondeu que não acha que a automedicação pode trazer danos à saúde.

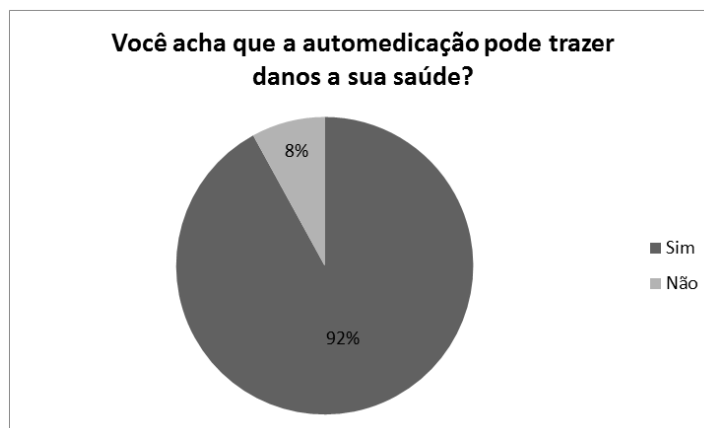


Figura 11. A automedicação pode trazer danos à saúde.

De acordo com Bortolon e colaboradores (2007), pela orientação disponibilizada pelo farmacêutico, a prática da automedicação e seus riscos associados podem ser evitados impedindo-se prejuízos à qualidade de vida do paciente.

O medicamento pode mascarar sintomas de uma provável doença que está surgindo, causar alergias, ocorrer interação medicamentosa, onde um medicamento pode inibir ou potencializar o efeito do outro e também doses elevadas de medicamento pode causar toxicidade. Sendo assim a prática de se automedicar pode trazer vários danos à saúde.

Conforme Rosse e colaboradores (2011), muitas vezes os medicamentos são usados incorretamente e podem provocar reações indesejáveis, como vômitos, tonturas, diarreia e ser de alto risco para a saúde se não utilizados corretamente, ao contrário do que acredita a população.

A atuação do farmacêutico tem influências positivas na adesão ao tratamento e na minimização de erros quanto à administração dos medicamentos. Este profissional é formado teoricamente com aptidões de fornecer informações a população sobre a utilização correta de medicamentos para o uso racional e aconselhamento em relação ao uso de medicamentos não prescritos de venda livre (MUNIZ; OLIVEIRA; SILVA, 2016). Nessa mesma linha de pensamento Chiaroti e seus colaboradores (2010), afirma que a atuação farmacêutica é vital para a adesão do paciente ao tratamento e a diminuição dos possíveis riscos que a automedicação pode levar, já que embora exista medicamentos isentos da obrigatoriedade de prescrição médica faz-se necessária de alguma forma, correta orientação, por profissional habilitado.

A maioria dos participantes da amostra escolhida, apesar de saber dos riscos da automedicação, ainda incide nesta prática. Justifica-se tal ação pelo fato da situação

sócia- econômica, o conhecimento sobre medicamentos e a dificuldade em obter um atendimento médico de qualidade, conduzem o indivíduo a arriscar automedicar-se, como confirmado por meio da pesquisa.

4 | CONCLUSÃO

Diante do exposto, fica claro que a prática da automedicação cresce a cada dia. As pessoas buscam a cura dos sintomas em medicamentos baseando-se em prescrições antigas, indicação de familiares e amigos, propagandas, ou até mesmo por profissionais não comprometidos com a saúde da população. Vale ressaltar novamente que todo medicamento, independente da classe farmacológica, apresenta riscos para o organismo quando utilizado de forma indiscriminada.

A automedicação é uma prática frequente entre os alunos e funcionários da UEG. Através da pesquisa realizada observou-se não só a utilização de MIP's, mais também de antibióticos. O consumo irracional destes podem causar efeitos adversos desastrosos. A automedicação pode retardar o diagnóstico de uma possível doença, e consequentemente, o tratamento adequado.

Os dados obtidos levantam questionamentos quanto aos universitários, em relação ao orientar os pacientes do uso racional de medicamentos, pois eles próprios parecem não ter consciência dos riscos da automedicação. Sendo assim, é fundamental que os acadêmicos de farmácia se conscientizem ainda enquanto são acadêmicos, dos riscos existentes causados pela automedicação. Dessa forma se tornaram propagadores do uso racional de medicamentos, e não coniventes com essa prática.

Uma possível estratégia para reduzir a automedicação seria a realização de programas educativos feitos pelos próprios acadêmicos, palestras e/ou a distribuição de panfletos com orientações sobre a importância do uso racional de medicamentos bem como as consequências da automedicação. Dessa forma os alunos tornar-se-iam profissionais da saúde mais capacitados a orientar os seus pacientes corretamente e segura, para que assim tenha um tratamento eficaz.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, P. S. D; et al. **Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados.** 2016.

AZEVEDO, F. H. C; FONTENELE, J. C. B; MIRANDA, G. L. **Fatores associados à automedicação de pacientes atendidos em um consultório odontológico, no município de Piracuruca/Pi.** Revista Interdisciplinar, V.7, n. 3, p. 83-90, jul. 2014.

BEZERRA, Janieide Lopes. **Automedicação por usuários de uma Farmácia comercial no bairro Pirajá na cidade de Juazeiro do Norte- CE.** 2006.

BORTOLON, P. C; KARNIKOWSKI, M. G. D. O; ASSIS, M. D. **Automedicação versus indicação farmacêutica: O profissional de farmácia na atenção primária à saúde do idoso.** 2007.

BRANCO, A. C. D. S. C; et al. **A Automedicação em acadêmicos de Enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior em Teresina-PI.** 2014.

BRASIL. Anvisa. **Lista de medicamento sem receita.** 2016. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/noticias/-/asset_publisher/FXrpx9qY7FbU/content/lista-de-medicamento-sem-receita-esta-disponivel/219201>. Acesso em: 14 dez. 2016.

BRASIL. Anvisa. **O que devemos saber sobre medicamentos.** 2010. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/92aa8c00474586ea9089d43fbc4c6735/Cartilha%2BBaixa%2Bbrevis%C3%A3o%2B24_08.pdf?MOD=AJPERES>. Acesso em: 14 set. 2015.

BRASIL. Anvisa. **Projeto educação e promoção da saúde no contexto escolar: O contributo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para o uso racional de medicamentos.** 2007. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/propaganda/educacao_saude/caderno_professor.pdf>. Acesso em: 19 out. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **As cartas da promoção da saúde.** 2002. Disponível em: <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_promocao.pdf>. Acesso em: 19 out. 2015.

BRASIL. Ministério da saúde. **Atenção farmacêutica no Brasil: Trilhando Caminhos.** 2012. Disponível em: <<http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/PropostaConsensoAtenfar.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Medicamentos.** 2001. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/sinitox/media/medicamentos.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Uso Racional de Medicamentos.** 2012. Disponível em: <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/uso_racional_medicamentos_temas_selecionados.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

CHIAROTI, R; REBELLO, N. M; RESTINI, C. B. A. **A automedicação na cidade de Ribeirão Preto – SP e o papel do farmacêutico nessa prática.** 2010.

DA SILVA, Alanna Lyvia Soares. **Perfil da Automedicação em acadêmicos do curso de Farmácia, em uma Instituição de ensino superior, no município de João Pessoa-Pb.** 2014.

DAMASCENO, D.D; et al. **Automedicação entre graduandos de enfermagem, farmácia e odontologia da Universidade Federal de Alfenas.** 2007.

DIAS, F. A; et al. **O uso racional do medicamento Antigripal.** 2013. Disponível em: <<http://www.saocamilo-sp.br/novo/eventos-noticias/simposio/13/SCF018.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

FIOCRUZ. **Casos, Óbitos e Letalidade de Intoxicação Humana por Agente e por Região Brasil.** 2013. Disponível em: <http://sinitox.icict.fiocruz.br/sites/sinitox.icict.fiocruz.br/files//Tabela3_2013.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2017.

FIOCRUZ. **Casos Registrados de Intoxicação Humana por Agente Tóxico e Zona de Ocorrência. Brasil.** 2013. Disponível em: <http://sinitox.icict.fiocruz.br/sites/sinitox.icict.fiocruz.br/files//Tabela9_2013.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2017.

GIÁCOMO, A. P. A. S; et al. **Prevalência da automedicação entre acadêmicos de Farmácia, Medicina, Enfermagem e Odontologia.** 2013. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/view/2718>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

- GRASSI, Liliane Trivellato; CASTRO, July Evelyn D. S. **Estudo do Consumo de medicamentos psicotrópicos no município de Alto Araguaia – MT.** Revista Saberes da FAPAN, v. 3, p. 1-16, 2015.
- KOVACS, F.T; BRITO M. F. M. **Percepção da doença e automedicação em pacientes com escabiose.** 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abd/v81n4/v81n04a05.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2015.
- LOYOLA FILHO, Antônio Ignácio de. et al. **Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí.** 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v36n1/8116.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2015.
- MATOS, M. C. A. **Automedicação.** 2005. Disponível em:<<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0048.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2017.
- MAZUTTI, A. R; TEIXEIRA, L. A. D. J; GONTIJO, É. E. L. **Fatores associados à automedicação: uma análise a partir dos profissionais de drogarias privadas de Gurupi, Tocantins.** Revista Movimenta, v. 6, n. 1, p. 398-410. 2013.
- MENEZES, E.A; et al. **Automedicação com Antimicrobianos para o tratamento de infecções urinária em estabelecimento farmacêutico de Fortaleza (CE).** 2004. Disponível em: <<http://www.cff.org.br/sistemas/geral/revista/pdf/77/i07-automedicao.pdf>>. Acesso em: 11 mar.2017.
- MUNIZ, K. D. S; OLIVEIRA, M. S. S; SILVA, D. R. **Automedicação e atenção farmacêutica: O papel do farmacêutico na atenção primária a saúde do idoso.** 2016. Disponível em: <[file:///D:/Usuario/Downloads/01471399713%20\(1\).pdf](file:///D:/Usuario/Downloads/01471399713%20(1).pdf)>. Acesso em: 19 mai. 2017.
- NASCIMENTO, D. M. D; et al. **Estudo do perfil da automedicação nas diferentes classes sociais na cidade de Anápolis-Goiás.** 2005. Disponível em: <http://www.prp2.ueg.br/06v1/conteudo/pesquisa/inic-cien/eventos/sic2005/arquivos/saude/estudo_perfil.pdf>. Acesso em 09 mar. 2017.
- ROSSE, W. J. D. et al. **Perfil da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia da Univiçosa, Viçosa, MG.** 2011. Disponível em: <<http://www.rbfarma.org.br/files/rbf-2011-92-3-17.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2016.
- SANTOS, Jaldo de Souza. Conselho Federal de Farmácia. **O papel social do farmacêutico.** 2009. Disponível em:<<http://www.cff.org.br/noticia.php?id=182>>. Acesso em: 12 mar. 2017.
- SERVIDONI, A. B; et al. **Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos.** 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rboto/v72n1/a13v72n1.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2017.
- SILVA, J. A. C. et al. **Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário.** 2013. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n1/a3385.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2016.
- SILVA, L.A F; Rodrigues, A. M. S. Automedicação entre estudantes de cursos da área de saúde. **Revista Brasileira de Farmácia**, Bahia, v. 95, n. 3, p.961-975. 2014. Disponível em: <<http://www.rbfarma.org.br/files/697--Automedicao-entre-estudantes-de-cursos-da-area--de-saude.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2017.
- SOUSA, Hudson W. O; SILVA, Jennyff L; NETO, Marcelino S. A importância do profissional Farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v.1, p. 67-72, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/REF/article/viewFile/4616/3938>>. Acesso em 07 out. 2015.
- SOUTO, Cirlene Erdman. et al. **Intoxicações medicamentosas em Araucária – PR.** 2005. Disponível em: <<http://www.saude.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1447>>. Acesso em: 14 set. 2015.

VICENTE, Martim. **Saiba quais são os riscos da automedicação para a saúde.** 2014. Disponível em: <<http://www.greenme.com.br/viver/saude-e-bem-estar/658-saiba-quais-sao-os-riscos-da-automedicacao-para-a-saude>>. Acesso em: 14 set. 2015.

SOBRE OS ORGANIZADORES

NAYARA ARAÚJO CARDOSO Graduada com titulação de Bacharel em Farmácia com formação generalista pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada – INTA. Especialista em Farmácia Clínica e Cuidados Farmacêuticos pela Escola Superior da Amazônia – ESAMAZ. Mestre em Biotecnologia pela Universidade Federal do Ceará – *Campus* Sobral. Membro do Laboratório de Fisiologia e Neurociência, da Universidade Federal do Ceará – *Campus* Sobral, no qual desenvolve pesquisas na área de neurofarmacologia, com ênfase em modelos animais de depressão, ansiedade e convulsão. Atualmente é Farmacêutica Assistente Técnica na empresa Farmácia São João, Sobral – Ceará e Farmacêutica Supervisora no Hospital Regional Norte, Sobral – Ceará.

RENAN RHONALTY ROCHA Graduado com titulação de Bacharel em Farmácia com formação generalista pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada - INTA. Especialista em Gestão da Assistência Farmacêutica e Gestão de Farmácia Hospitalar pela Universidade Cândido Mendes. Especialista em Análises Clínicas e Toxicológicas pela Faculdade Farias Brito. Especialista em Farmácia Clínica e Cuidados Farmacêuticos pela Escola Superior da Amazônia - ESAMAZ. Especialista em Micropolítica da Gestão e Trabalho em Saúde do Sistema Único de Saúde pela Universidade Federal Fluminense. Farmacêutico da Farmácia Satélite da Emergência da Santa Casa de Sobral, possuindo experiência também em Farmácia Satélite do Centro Cirúrgico. Membro integrante da Comissão de Farmacovigilância da Santa Casa de Misericórdia de Sobral. Farmacêutico proprietário da Farmácia Unifarma em Morrinhos. Foi coordenador da assistência farmacêutica de Morrinhos por dois anos. Mestrando em Biotecnologia pela Universidade Federal do Ceará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-126-8



9 788572 471268